Seis Capítulos sobre Cristianismo e Nacional-Socialismo

Wilhelm Stapel (Traduzido do inglês para o português do Brasil)

Nota do Tradutor: Esta tradução é fornecida para fins acadêmicos e não reflete endosso das ideias apresentadas.

Conteúdo

1 A Essência do Movimento Nacional-Socialista 2

2 A Posição do Nacional-Socialismo em Relação ao Cristianismo 5

3 A Questão Racial é um Obstáculo ao Cristianismo? 6

4 O Nacionalismo é um Obstáculo ao Cristianismo? 8

5 O Socialismo é um Obstáculo ao Cristianismo? 12

6 A Dignidade da Nação e a Dignidade da Igreja 13

Aviso

Wilhelm Stapel, escritor protestante alemão e conhecido apoiador do Nacional-Socialismo, foi editor da publicação ferozmente antissemita *Deutsches Volkstum* e teve laços significativos com instituições e figuras-chave do Terceiro Reich. Stapel resistiu firmemente à Igreja Confessante, liderada por Martin Niemöller e Karl Barth, que se opunha ao Nacional-Socialismo. Em vez disso, apoiou as políticas do Bispo do Reich Ludwig Müller e atuou como conselheiro de Hanns Kerrl, Ministro de Assuntos Eclesiásticos do Reich. Após a Segunda Guerra Mundial, Stapel criticou a emergente República Federal da Alemanha e até pediu o boicote às eleições do Bundestag de 1949. Apesar de sua participação ativa no regime Nacional-Socialista, sua morte em 1954 passou amplamente despercebida pelo público. Este livreto, lançado em 1931, explora a perspectiva do movimento Nacional-Socialista sobre a herança cristã da Alemanha e as crenças e espiritualidade pessoais dos cristãos. O objetivo é corrigir equívocos predominantes na literatura pós-guerra sobre o Cristianismo Positivo. O propósito deste artigo é exclusivamente transmitir informações verdadeiras.

Prefácio

Em 30 de janeiro de 1931, falei em um curso apologético no Johannesstift de Spandau sobre "A Visão de Mundo do Nacional-Socialismo e o Cristianismo". A palestra provocou um debate animado. Como fui repetidamente questionado sobre a palestra, decidi escrevê-la posteriormente, eliminando as contingências da ocasião. De forma mais extensa do que em Spandau, tratei aqui da doutrina do *Nomos*, que será abordada em maior escala na minha próxima publicação, "O Estadista Cristão".

Pode parecer estranho que eu frequentemente use palavras gregas do Novo Testamento em vez das conhecidas palavras alemãs. A razão para isso é: a tradução luterana tornou-se tão familiar que lemos suas palavras sem atenção. Quero forçar o leitor a notar a estranheza de algumas palavras que selam mistérios metafísicos. Para que nada se perca para o leitor sem formação humanística, sempre coloquei as palavras alemãs ao lado. Não é irrelevante, no entanto, que a palavra quase desgastada para "cumprimento", *Blerofis*, signifique o oposto de esvaziamento, *Kenosis*. Da mesma forma, a palavra *Hnpomoné*, que traduzimos como "paciência", significa, na verdade, "permanecer sob". Não se trata, portanto, de ornamentação erudita, mas de buscar a plena realização espiritual do significado original. Quais mal-entendidos grotescos surgem da aceitação superficial das palavras bíblicas, nós experimentamos abundantemente no uso indevido de frases como "Não matarás", "Paz na terra", "Ame seus inimigos", e assim por diante. Nossa linguagem também foi secularizada; devemos primeiro recuperar o senso de que as palavras de Deus não são exortações morais revestidas de noções abstrusas de uma era passada, mas palavras santificadoras e santificadas da eternidade que perdurarão, quer o céu e a terra passem.

1 A Essência do Movimento Nacional-Socialista

No Nacional-Socialismo, podem ser distinguidas três camadas. Primeiro, a pequena camada de líderes que possuem uma vontade política mais ou menos definida; segundo, o que se chama de "movimento nacional-socialista", uma grande multidão de pessoas unidas por uma visão de mundo mais ou menos esclarecida; e terceiro, a multidão volúvel daqueles que apenas desejam "dar seu voto" contra as tribulações dos tempos. Essa última camada confere ao Nacional-Socialismo seu caráter plebiscitário. O que nos interessa aqui é a camada intermediária, que

sustenta o "movimento" e as visões dos líderes na medida em que determinam espiritualmente esse movimento.

É claro que não se entenderá o Nacional-Socialismo se quiser compreendê-lo apenas a partir de sua *Weltanschauung* (visão de mundo). Pois a visão de mundo é secundária. O principal nesse movimento é o instinto. Permita-me citar a mim mesmo, de 1924. Naquela época, quando o Plano Dawes causou uma forte onda nacionalista, escrevi (na edição de maio do *Deutsches Volkstum*): "O mais significativo sobre o movimento völkisch é, antes de tudo, que ele é elementar. Não é artificialmente inflamado pela vontade de homens individuais, mas a vontade do povo vem ao encontro dos chamadores. Ele surge naturalmente em todas as partes da Alemanha, em todas as camadas da população; em todos os partidos e denominações. Porque o movimento é elementar, ele tem uma força tremenda. No momento, é a única força capaz de derrubar as barreiras endurecidas dos partidos. É um movimento ainda não guiado, irrompendo do instinto popular com tremenda tenacidade e buscando seu caminho, parcialmente dentro dos partidos, parcialmente fora deles."

Você apreciará o que a natureza elementar do movimento significa se comparar o movimento Nacional-Socialista do período pré-guerra com o movimento Nacional-Socialista de nosso tempo. Lá, o esforço fútil de líderes individuais, especialmente Friedrich Naumann, para conquistar a adesão de uma massa. Aqui, um influxo das massas que ameaça inundar a liderança. É precisamente por isso que o intelectual, até mesmo o cidadão educado, que se deleitava com esforços intelectuais como os de Friedrich Naumann, olha com desconforto para os mecanismos desenfreados e caóticos do Nacional-Socialismo. Como alguém pode se preocupar com algo tão primitivo! Uma atitude semelhante foi uma vez adotada pelas classes médias educadas contra a ostracizada Social-Democracia. Mas talvez essa atitude distinta em relação ao elementar seja apenas fraqueza de vida. Porque não se ousa liderar, considera-se "melhor" e se afasta. Mas August Winnig nos mostrou em seu livro "Do Proletariado à Classe Trabalhadora" como isso é contraproducente quando a intelligentsia não cumpre a tarefa de liderança espiritual.

Porque o Nacional-Socialismo é um movimento elementar, ele não pode ser abordado com argumentos. Argumentos só funcionariam se o movimento tivesse se tornado grande por meio de argumentos. Mas, em 14 de setembro de 1930, constatou-se que vozes Nacional-Socialistas surgiram em quantidade até nas vilas mais remotas, em vilas onde nenhum agitador ou folheto jamais havia penetrado! Então, deve haver algo mais em ação aqui além da agitação argumentativa. Deve-se também apontar o fato surpreendente de que muitas pessoas votam no Nacional-Socialismo contra seu melhor julgamento, por assim dizer. Recentemente, ouvi a conversa de dois comerciantes muito respeitáveis em um trem suburbano em Hamburgo. Ambos criticaram o programa, bem como a aparência pública dos Nacional-Socialistas, até que um deles trouxe o ponto de inflexão para a conversa: "Mas imagine como seria se não tivéssemos um partido Nacional-Socialista". Com isso, o outro confessou: "Por isso votei Nacional-Socialista". O outro então respondeu: "Eu também". Após um tempo de mais reflexão sobre a repugnância do movimento Nacional-Socialista, ambos chegaram à conclusão de que, diante da situação política, não tinham escolha a não ser votar Nacional-Socialista novamente. De uma carta de um estudante que escreve de forma muito crítica sobre o Nacional-Socialismo, gostaria de ler a seguinte frase: "Em contraste, o Nacional-Socialismo é um estouro instintivo do povo alemão. Sua específica falta de espiritualidade, de fato sua simplicidade humana, pertence a ele por sua própria natureza. E essa 'simplicidade' saberá se afirmar: isso sozinho decidirá o resultado." Esta formulação me parece absolutamente clássica. Assim, a igreja não está diante de um movimento "espiritual", mas de um elementar, um movimento que vem do instinto, que não se envolve em discussões, mas quer esmagar o oponente, um movimento que não usa a palavra

falada para discutir, mas para chamar, exigir, incitar e comandar. Qual seria o papel de uma igreja que apresenta "argumentos" para "provar" aos impulsionadores (os homens motores) de tal movimento em uma "discussão" que isso ou aquilo não está certo? O estilo da discussão, como o estilo da era liberal, não é apenas inadequado aqui, mas cômico. Aqui, para a igreja, resta apenas o estilo da proclamação (*kerygma*).

Nestes dias, ouve-se que a igreja deve se "acomodar" ao movimento, porque, caso contrário, "perderia ainda mais terreno entre o povo". Há pessoas cuja maior sabedoria é pisar no chamado "terreno da realidade" que outros prepararam antes delas. Por minha parte, raramente piso sem suspeita no terreno que outros prepararam e prefiro criar um terreno próprio, no qual, sim, os outros pisadores de terreno podem pisar. Mas há duas coisas a dizer sobre o conselho acima à igreja em particular. Primeiro, a igreja não deve olhar para qualquer terreno entre o povo, mas para o terreno do evangelho. Não deve pisar no terreno deste mundo, mas os outros devem pisar no terreno do evangelho. Segundo, permanece eternamente verdadeiro que o bom pastor deve ir atrás da ovelha perdida. Buscar e ajudar almas humanas faz parte da essência da fé. Mas algo diferente de buscar almas humanas é a assimilação da "igreja" ou do "Cristianismo" a um "movimento". Tal "Cristianismo assimilado" esquece a dignidade do *Ministerii thei*, a *Diakoné* (o ministério) do Evangelho. Buscar é nobre, seguir é indigno. Consolar e ajudar é divino, discutir é muito humano. As palavras de Paulo contra as *moras kai apaideutas zeteseis* (as discussões tolas e indisciplinadas) (2Tm 2:23), contra o vão *logomachein* (argumentar com palavras) (14) não podem ser inculcadas com força suficiente em nosso tempo. Pois, nesse campo, *morologia* e *gutrapelia* (fofoca e brincadeira) sempre vencem (Ef 5:4). Você também não atinge as verdadeiras forças do movimento com isso.

Se você quer sentir as verdadeiras forças que estão no Nacional-Socialismo, deve ir às reuniões onde aqueles que se comprometeram com o movimento estão no comando. Lá você verá, honrados com bandagens ensanguentadas perante toda a assembleia, aqueles que não pouparam vida e membros pela causa. E você deve ir às casas dos Nacional-Socialistas, que acolhem as famílias cujas posses foram destruídas pelos comunistas. Aqui não há comunidade de palavras, mas de atos. Comparada a essa devoção, as ideias intelectuais acompanhantes, o que se chama *Weltanschauung*, são menos importantes. Aqui está uma resistência ingênua, ardente e selvagem do povo contra o status quo.

Agora, cabe a você pregar o evangelho a esse movimento. Um pregador já perdeu para o movimento Nacional-Socialista desde o início se quiser tornar seu Cristianismo "contemporâneo", se quiser adaptar o que acredita aos desejos e imaginações dos outros e, dessa forma, torná-lo atraente. Que a religião se torne "contemporânea" é apenas uma demanda de pessoas educadas historicamente. Mas não esqueçamos que a multidão do povo não "está no ponto de vista histórico" de forma alguma, mas vive de maneira bastante ingênua, interessada na história apenas na medida em que se sente confirmada por ela. O "Jesus histórico" não é mais para eles do que Sócrates ou Buda. Para eles, Fridericus ou Bismarck são símbolos históricos mais importantes, e com razão. Jesus como moralista e idealista, que viveu na Palestina no início do Império Romano e pregou em aramaico, que foi à morte por suas ideias quantas pessoas sofrem a morte por suas ideias e ideais! isso, afinal, não é nada especial. Outras figuras seriam mais próximas de nós para as necessidades de hoje.

Uma posição que vê Jesus apenas como um professor e homem, que "torna compreensível" a morte do Filho de Deus na cruz como um mito entre outros mitos orientais, para "extrair" a ética do Sermão da Montanha como a "essência do Cristianismo" ou como o "núcleo", pode encontrar aplausos entre os companheiros liberais e esclarecidos do movimento Nacional-Socialista,

mas é nada comparado ao interior ardente do movimento. A cristianização desse movimento é possível apenas a partir da posição dogmática. Aquele que não sabe o que é pecado e redenção, que não vê Jesus de Nazaré como o Filho de Deus de eternidade a eternidade, que vê na crucificação apenas uma execução lamentável e, na verdade, supérflua e não sabe e acredita que aqui a substância da criação foi purificada do pecado e da morte, aquele que está apenas preocupado com a bondade social, com a boa cidadania e não com a vida eterna, esse homem não deveria começar a falar sobre Cristo diante dos Nacional-Socialistas. Ele pode ser um homem excelente, digno de todo respeito, pode até se tornar um bom Nacional-Socialista, mas ele não é um *kletos tou theou*, um chamado de Deus!

2 A Posição do Nacional-Socialismo em Relação ao Cristianismo

Mas o Nacional-Socialismo é, de fato, receptivo ao Cristianismo? Não é ele "pagão"? Não preferiria retornar ao culto de Wodan, se pudesse fazê-lo sem vergonha histórica e filosófica? Vamos primeiro examinar como o Nacional-Socialismo, por si só, se relaciona com o Cristianismo.

Que Hitler leva seu Cristianismo Católico a sério é conhecido a partir de seu livro *Mein Kampf* e de muitas outras declarações. Não é menos conhecido que a Igreja Católica desconfia, talvez não tanto dele, mas do movimento associado ao seu nome, e que até tenta provar heresia. Deixemos de lado as confissões pessoais dos líderes e fiquemos com o programa. Sabemos bem que o "programa" não é essencial para o movimento; o movimento é muito mais do que os bastante aleatórios "25 pontos" indicam. Assim como na revolta camponesa do final da Idade Média, os "doze artigos" do campesinato, reunidos a partir de demandas correntes, não eram a coisa decisiva no movimento. Mas pode-se ao menos reconhecer a direção do movimento a partir do programa.

O ponto 24 declara: "Exigimos liberdade de todas as confissões religiosas no estado, desde que não ponham em perigo sua existência ou ofendam o sentimento moral da raça germânica. O partido, como tal, representa o ponto de vista de um Cristianismo Positivo, sem se vincular denominacionalmente a uma confissão específica. Ele combate o espírito materialista judaico dentro e fora de nós e está convencido de que uma recuperação duradoura do nosso povo só pode ocorrer de dentro para fora com base no princípio: o bem comum antes do interesse próprio". Gottfried Feder, em seu amplamente difundido e autoritativo comentário, *Das Programm der N.S.D.A.P. und seine weltanschaulichen Grundgedanken* (201. - 250. mil. 1931), opõe-se aos "muitos ataques tolos e desajeitados ao Cristianismo" (página 61) e repete: "O partido, como tal, está no terreno do Cristianismo Positivo." Ele acrescenta (página 62): "Todas as questões, esperanças e desejos sobre se o povo alemão encontrará algum dia uma nova forma para seu conhecimento e experiência de Deus não pertencem aqui", sendo essas questões além do escopo de um programa partidário. Na primeira parte do documento (página 17), lemos: "Não pode ser enfatizado com força suficiente que nada está mais distante da mente da N.S.D.A.P. do que atacar a religião cristã e seus dignos ministros."

Isso diz duas coisas: primeiro, que o Nacional-Socialismo como partido não abraça aspirações por uma religião exclusivamente "alemã" de qualquer tipo; segundo, que ele se sente pertencente ao "Cristianismo Positivo". A palavra "positivo" aqui obviamente significa as duas expressões do Cristianismo nas igrejas Protestante e Católica (isto é, rejeição de um Cristianismo

baseado na razão sem vínculo eclesial) e provavelmente também pretende rejeitar a historicização e psicologização do Cristianismo, bem como qualquer substituto filosófico.

Notamos que "a liberdade de todas as confissões religiosas" não apenas "de todas as confissões cristãs" "no estado" é uma demanda liberal. Assim, um Cristianismo do estado como tal é rejeitado; o estado tolerará qualquer confissão religiosa. Mas essa tolerância de tipo liberal encontra duas limitações. Primeiro, o "senso moral germânico" não deve ser violado. Isso se refere, acima de tudo, ao pacifismo. Não é concedida tolerância ao pacifismo cristão. Segundo, o "espírito materialista judaico" deve ser combatido. Isso se refere ao marxismo. Sem dúvida, com essas palavras, a tolerância também é negada a qualquer socialismo cristão que incorpore os ensinamentos de Karl Marx. Portanto, a tolerância é concedida apenas a uma religião não pacifista e não marxista. A frase de Feder contra "pessoas que recebem suas ordens políticas do exterior", uma frase dirigida contra o ultramontanismo, foi excluída em edições recentes, provavelmente como resultado de ataques do lado católico. Estamos, portanto, lidando com um liberalismo estatal limitado.

Que há um forte desejo dentro do partido por uma "igreja do povo alemão" é evidente em alguns escritos. (Por exemplo: Alfred Rosenberg, *O Mito do Século XX*. Página 575: "O anseio de dar à alma racial nórdica sua forma como uma igreja alemã sob o signo do mito popular, essa é uma das maiores tarefas do nosso século.") Mas quem presumisse tais desejos como propriedade comum do movimento estaria enganado. Oficialmente e programaticamente, o Nacional-Socialismo não se inclinava por tais aspirações. Uma receptividade para a missão cristã pode, portanto, ser assumida com razão no movimento Nacional-Socialista, desde que não seja um Cristianismo pacifista e marxista.

3 A Questão Racial é um Obstáculo ao Cristianismo?

O Cristianismo encontra três grandes complexos de sentimentos e ideias no Nacional-Socialismo, com os quais é inevitável lidar. A questão racial, o nacionalismo e o socialismo são os três círculos de sentimento e pensamento com os quais se deve tomar uma posição ao entrar em contato com esse movimento. Então, perguntamos: Qual é a posição do Cristianismo sobre a questão racial, sobre o nacionalismo e sobre o socialismo do movimento Nacional-Socialista?

No que diz respeito à questão racial, não se deve pensar que um certo conceito científico de raça é vinculativo no movimento. O conceito de raça de Günther é, de fato, muito difundido, e uma preferência pela raça nórdica é frequentemente encontrada entre os membros mais educados do partido, mas, basicamente, no movimento Nacional-Socialista, toda a questão racial se resume à oposição entre alemães e judeus. A doutrina do valor especial da raça nórdica não é oficial do partido, mas um hobby; mas o antissemitismo é oficial do partido. Esse antissemitismo frequentemente leva a uma rejeição do Antigo Testamento, e há ainda o perigo de que, por alguns Nacional-Socialistas, Jesus "como judeu" seja "rejeitado" desde o início. Então, perguntamos: Deve-se abandonar o Antigo Testamento, deve-se ao menos tratá-lo como um *adiaphoron* (sem importância para a decisão)? Além disso, o que é o judaísmo de Jesus? Permita-me apresentar uma tentativa de solução para essas duas questões.

Encontramos no próprio Novo Testamento o confronto do judaísmo contra o Cristianismo como uma comunidade religiosa de pessoas, que tem seu *nomos* especial (Por *nomos* ("lei"), entendo aqui a constituição natural ordenada por Deus de uma comunidade, os costumes, ideais e valores santificados de um povo. Compare o livro muito informativo de Hans Bogner, *Die verwirklichte Demokratie*. Hamburgo, 1930). Quando o apóstolo Paulo iniciou seu ministério aos gentios, ele

teve que lidar com os "*styloi*" (pilares) em Jerusalém e com seus emissários que dificultaram sua vida até Roma. Paulo permite que o *nomos* dos judeus se aplique aos próprios judeus, mas apenas como uma preliminar à fé. Ele atribui a ele um certo papel no desenvolvimento da história da salvação.

Para os outros povos, no entanto, segundo seu ensinamento, esse *nomos* não tem tal significância; eles não precisam entrar no reino dos céus por meio desse estágio. Tão veementemente quanto Paulo se opõe à extensão do *Nomos* aos povos não judeus, não lhe ocorre contestar as palavras de Jesus em Mateus 5:17. Jesus não quis dissolver a lei judaica, mas cumpri-la, *ou katalysai, alla plerosai*. Portanto, deve haver algo na lei judaica que faça com que essa lei, embora não seja um estágio necessário para a fé cristã, encontre um "cumprimento" por meio de Cristo. Esse algo Paulo chama em vários lugares de *dikaioma* (o justificador). É esse *dikaioma* dentro do *nomos* que importa para ele.

Agora, permita-me uma posição, que acredito estar definitivamente de acordo com os ensinamentos de Paulo e pela qual sustento que ele concordaria se vivesse hoje. Assim como os judeus têm seu *Nomos*, todo povo real tem seu *Nomos*. Esse *nomos* não precisa ser registrado, mas vive na consciência e na tradição orgânica de cada povo. Ele se apresenta em costumes, leis e moralidade. É sempre rastreado de alguma forma até os deuses do povo, e é protegido pelos deuses do povo. Esse *nomos* cria a hierarquia de valores em uma comunidade popular. Há também um *nomos* alemão, como havia, segundo o mito de Numa Pompílio da ninfa Egeria, um *nomos* do povo romano, como havia um *nomos* ateniense, santificado pela deusa Atena.

Se agora Paulo permite que se alcance do cristianismo diretamente a partir da religião do povo sem ter que passar pelo limiar do templo de Jerusalém, então também nos *nomoi* dos outros povos deve haver tais *dikaiomata*, em cujo "cumprimento" o contato com Jesus Cristo é possibilitado. Assim, colocamos ao lado do *nomos* dos judeus, em pé de igualdade, os *nomoi* de todos os outros povos chamados ao Cristianismo.

No entanto, o *nomos* judaico, e com ele o Antigo Testamento, mantém uma dignidade especial. E isso em dois aspectos. Primeiro, Jesus mesmo viveu de acordo com a lei judaica. Mesmo que ele tenha vagado além das fronteiras do povo judeu, ele nunca deu o escândalo da apostasia. Ele se dirigiu primeiro e acima de tudo aos judeus entre os quais nasceu, e ao fazê-lo, deu um exemplo para todos nós seguirmos. Segundo, além da Lei, o Antigo Testamento também contém os Profetas. Não temos as profecias do nascimento do Salvador entre outros povos talvez com uma exceção, refiro-me àqueles versos estranhos e não interpretados nas *Eclogues* de Virgílio. Essa dupla conexão com a aparição de Cristo dá ao Antigo Testamento uma posição especial, mas não dá ao povo judeu uma posição especial no sentido do Cristianismo judaico. Em relação a Jesus, o Antigo Testamento tem sua dignidade especial; em relação a nós e ao nosso Cristianismo, os *nomoi* de todos os povos chamados estão ao lado do *nomos* do Antigo Testamento. O que parecia nobre e bom para outros povos, o que era considerado digno do sacrifício da vida entre eles, não fluía menos da misericórdia de Deus do que a lei do Monte Sinai.

Mas Jesus não é um judeu nato, e o Evangelho não é, portanto, essencialmente uma mensagem judaica para o mundo? Assim como os diálogos de Platão são uma mensagem helênica e Fausto uma mensagem alemã para o mundo? Se vocês, senhores, considerarem Jesus como o filho de um pai judeu, o filho corporal do carpinteiro José de Nazaré, então não poderão evitar essa consequência. E então vem a reverência que, apesar de toda a doutrina racial, não quer abandonar Jesus, e busca desculpas históricas e etnográficas do tipo que, na Galiléia como uma área de trânsito dos povos, havia muito sangue ariano, que a aparência e os ensinamentos de

Jesus mostram características muito não judaicas, etc. Tais hipóteses têm algo de embaraçoso. Elas constroem possibilidades desejosas até conexões e processos sobre os quais não se pode e não se deve saber absolutamente nada.

Mas nós, cristãos, fomos ensinados pelos evangelhos e apóstolos que Jesus é o Filho de Deus. É a premissa do Novo Testamento que Jesus não tem um pai terreno, mas apenas uma mãe terrena. (Estou ciente das tentativas de obter uma versão "original" de Mateus 1:16 a partir de certas leituras, elas não têm nada de cientificamente convincente para mim. É uma hipótese desejosa da razão, cuja impressão é agravada por uma certa suspeita sensação acompanhante). Mas se Jesus, nascido da Virgem Maria, é o Filho de Deus, ele não é o filho de um judeu ou de um ariano, mas precisamente do próprio Criador, que está antes de toda raça e de todo povo. Não quero nem mesmo recorrer à biologia e referir que a partenogênese está, afinal, na possibilidade estrutural do orgânico, que, em todo caso, não nos impõe um erro de fantasia, mas quero deixar o mistério em si: é um milagre. O Cristianismo não é uma questão de lei causal. O que nos importa plausibilidades no tecido construído de relações causais? Não estamos lidando com uma *prima causa* (causa primeira) filosófica e um *primum movens* (primeiro impulso de movimento), mas com o Deus vivo que faz milagres e com o Filho de Deus que fez milagres e ressuscitou dos mortos. Rejeito toda imposição para tornar os milagres plausíveis para mim e chamar eventos não plausíveis de fictícios. Se Jesus é o filho do Deus vivo, ele não é o filho de um pai judeu e de uma espécie judaica, mas nasceu para todas as nações. Aqui está um milagre que nunca foi antes e nunca será novamente, e desse milagre depende nossa bem-aventurança eterna. Se acreditarmos nisso e essa crença significa ser cristão então toda discussão sobre a afiliação racial de Jesus é sem sentido, até mesmo blasfema.

Assim, a questão racial foi removida do âmbito do Cristianismo. Questões raciais e Cristianismo não se tocam.

4 O Nacionalismo é um Obstáculo ao Cristianismo?

O nacionalismo, também, não me parece ser um obstáculo ao Cristianismo. Admitidamente, é historicamente um componente da secularização: quando o estado não foi mais visto como uma instituição divina e o governo não foi mais tomado pela graça de Deus, o estado foi derivado do "povo" e, assim, chegou-se ao conceito de estado-nação. Nesse aspecto, é compreensível falar de uma "idolatria" do estado. Mas o nacionalismo não precisa ser idolatria do estado. O idealismo alemão, em particular, repeliu qualquer idolatria na orientação da ideia nacional: Fichte buscou entender as nações como uma legalidade criada por Deus. Se agora atribuirmos ao nacionalismo os "perigos" de profanação e demonização, deve-se dizer que esses perigos ameaçam toda comunidade humana. O casamento como casamento civil também é profanado. E o casamento por paixão, que não conhece nada além de si mesmo, é possuído por demônios. A nação pode certamente coexistir com a religião. A história prova que houve personalidades cujo Cristianismo é tão inquestionável quanto seus sentimentos nacionais. É mais sério estabelecer uma distinção entre moralidade nacional e moralidade cristã. A moralidade cristã, diz-se, conhece apenas "irmãos". O nacionalismo, no entanto, conhece uma moralidade "interna" e "externa". A moralidade cristã não conhece inimigos, mas a moralidade nacional distingue amigos e inimigos.

Em contraste, apresento a tese de que não existe e não pode existir moralidade desvinculada da comunidade. Toda moralidade distingue entre inimigo e amigo. Família, povo, igreja e, de fato, a comunidade como tal, bem como cada comunidade em uma certa era, cada uma tem seu *nomos*

moral. O "tu deves" é categórico, mas o "o quê" é bastante hipotético. E essa hipótese obtém seu conteúdo pelo respectivo estado de vida dentro da comunidade. Não se pode substituir a consciência viva por um sistema fixo de preceitos morais, não se pode transformar a ética em lógica. Se isso fosse possível, só haveria erros morais, mas não uma mudança moral de visão, mas esta existe apesar de todos os sistematizadores.

Mas agora, a moralidade cristã não superou todo ethos que é apenas moralidade popular? O Sermão da Montanha não abole, em princípio, toda moralidade especial, não estabelece a ordem metafísica de valores por excelência, e todo cristão não está agora obrigado a abandonar todas as peculiaridades nacionais de natureza moral, com elas também todas as distinções de amigo e inimigo, e doravante ver em todos os homens nada além de "irmãos"?

Sustentamos que o Sermão da Montanha também conhece uma distinção entre amigo e inimigo e que sua moralidade de forma alguma abrange todas as pessoas deste Sião. A lei básica do Sermão da Montanha é o amor como *agape*. *Agape* é o *nomos* do Reino dos Céus. O Sermão da Montanha é a transferência do *nomos* celestial para a comunidade terrena dos discípulos de Jesus. Assim como Jesus, nascido em Belém, é Deus encarnado, o Sermão da Montanha é uma encarnação do *nomos* celestial na terra: *agape* torna-se a ordem humana no círculo de seguidores de Jesus. Assim, esse *nomos* agora se aplica apenas ao círculo de discípulos, assim como a encarnação de Deus se aplica apenas a Jesus. Assim como Deus como homem tem que suportar as fraquezas da humanidade, como fome e sede, calor e frio, trabalho e morte, e assim por diante, também a comunidade terrena do *Nomos* celestial tem que suportar as paixões terrenas. Daí o peculiar limbo moral do discipulado que permite um Judas Iscariotes e que também permite as lágrimas de Pedro na noite em que Jesus foi traído. Agora, se alguém quer viver de acordo com o *nomos* do Reino dos Céus transformado em conceitos e ideias terrenas, como está no Sermão da Montanha, ele também deve ser um discípulo de Jesus: ele deve ter a fé que é capaz de fazer milagres, ele deve vender toda a sua propriedade e dá-la aos pobres, ele não deve esperar que o resto do mundo aja como ele. Não é suficiente escolher um ou outro "versículo" do Sermão da Montanha e, por exemplo, transformando falsamente "Ame seus inimigos reais" em "Ame seus *polemious*" (isto é, "Ame seus inimigos pessoais, ame os odiados" em "Ame seus inimigos do estado e do país". Inimigos do estado não devem ser "odiados"; eles são seus "inimigos" em um sentido puramente factual, porque querem e precisam ser diferentes de nós. Na guerra de 1866, por exemplo, prussianos e hanoverianos não se "odiavam", eles simplesmente lutaram pela questão da liderança alemã. Humanamente, soldados em combate podem se achar não apenas dignos de respeito, mas até amáveis. Uma guerra cavalheiresca não anulará amizades pessoais.) para declarar a moralidade natural das nações como resolvida. Também deve ser lembrado que o *nomos* do Reino dos Céus tem limites. Ele se aplica apenas à comunidade dos filhos de Deus, não ao inferno. Se Deus "amasse" o inferno, o inferno não seria inferno, então Deus e o diabo seriam um. O Reino dos Céus e o Inferno se opõem como comunhão e apostasia; Deus e o Diabo se opõem como senhor e indignado, o *nomos* do Céu e o do Inferno se opõem como *agape* e *hubris*. Portanto, a luta está estabelecida entre ambos os "reinos". E porque o mundo caído participa de ambos os reinos, ele é um campo de batalha. Quem declarasse o Sermão da Montanha como a única moralidade vinculativa deste mundo, que está destinado a ser um mundo de luta, abriria mão da autoafirmação da vida e, assim, da existência da criação, porque abriria mão da luta. Ele faria a tentativa anticristã de redimir o mundo caído por meio da moralidade, isto é, por meio do *nomos*, mas isso Paulo rejeitou com toda sua força e clareza. Ele transformaria a redenção pela cruz em autossalvação pela moralidade. O Cristianismo eticizado, que substitui a cruz no Gólgota pelo Sermão da Montanha, é o pelagianismo oculto do nosso tempo.

Assim, a proclamação do *nomos* celestial não é de forma alguma oposta à moralidade nacional. Mas, como Deus nos faz co-herdeiros do reino de Deus por meio da fé, Ele também acende nossos corações para a *agape*. Mas, como seres humanos, podemos ter fé e amor apenas na manifestação da "esperança". Dependemos da "paciência". Repetidamente, o apóstolo Paulo nos exorta à *hypomone*: esperar pacientemente. Parece-me que essa admoestação não é apenas sobre o retorno de Cristo, mas sobre a ordem natural do mundo. Afinal, o próprio Paulo também buscou seu "direito" terreno e fez uso dos remédios legais de seu estado romano, do qual era cidadão.

Mas, como cristãos, não somos ordenados à pacificidade? Não devemos ser *eirenopoioi* (fazedores de paz)? Fazer paz não é o mesmo que fazer tratados de paz. Pois tratados de paz não são meios de paz, mas meios de luta. Ou o tratado de Versalhes é algo além de um meio de luta e coerção para manter a Alemanha em desordem e desgastar sua existência? O apóstolo não alertou contra aqueles que dizem *eirene kai asphaleia*, paz e segurança? "A perdição os alcançará." (1Ts 5,3) Deve-se tomar a palavra paz exatamente como se deve tomar a palavra inimigo exatamente; porque hipócritas andam pelo mundo o tempo todo para capturar nossos corações com as cordas da palavra. Permita-me deixar três considerações sobre a questão do pacifismo cristão.

Primeiro. Assim como João Batista não respondeu aos homens de guerra à sua pergunta, "O que devemos fazer?" dizendo, "Recusem o serviço militar!" (ele apenas proibiu o *diafeiein* = extorquir dinheiro e o *sykophantein* = assediar. Lc 3,14), Jesus não "condenou" o serviço militar. Ele caminha sem constrangimento com um oficial romano e elogia sua fé sem pedir que ele renuncie ao serviço. Afinal, é notável que Pedro tenha uma espada com ele na noite da traição e golpeie com a espada apesar da admoestação de Jesus ele permanece Pedro, afinal. O Senhor deve ser capturado e crucificado, caso contrário, o mundo não seria redimido. Mas o dia sangrento de Pedro é respondido apenas com uma admoestação tranquila, não com uma condenação. O mais importante, no entanto, é que Jesus, que nunca condenou o serviço de guerra como tal, condena a riqueza como tal. Em lugar algum está escrito que o serviço militar torna as almas ineptas para o céu, mas somos sempre lembrados de que a riqueza endurece os corações. Aqueles que desejam se tornar discípulos de Jesus devem primeiro deixar de lado sua riqueza terrena. Essa distinção entre a riqueza que amolece, viciante ao ego, e o serviço de guerra que endurece, que educa para o uso da vida, deve nos fazer pensar.

Segundo. Nenhum dos apóstolos e nenhum dos reformadores, nenhum de todos aqueles que, no entanto, pregaram a pacificidade, condenou a guerra como tal. Zwingli até esteve em batalha, Lutero correu para a Guerra dos Camponeses e mais tarde para a Guerra Turca hoje se diria, na linguagem dos jornais, "correu". No entanto, o pacifismo existia na antiguidade assim como existe hoje. De fato, o pacifismo aparece tanto em Atenas quanto em Roma em um momento muito específico: na era do esclarecimento burguês, a dissolução das forças formadoras do estado. Na Idade Média, também, o racionalismo (influenciado pela filosofia árabe) é o portador das ideias pacifistas. Podemos rastrear passo a passo no último século que os ideais pacifistas cresceram não do Cristianismo, mas do Iluminismo e se espalharam com o ideal humanitário do liberalismo. O pacifismo não é nada mais do que o ideal de secularidade do cidadão esclarecido, que não quer ser perturbado em sua atividade de vida e em seu prazer de vida. Ele assegura suas necessidades biologicamente baseadas elevando-as a uma "moralidade", e ele assegura essa moralidade, por sua vez, embelezando-a apologeticamente com versículos bíblicos para ganhar a autoridade do Evangelho para sua existência burguesa imperturbada, que agora supostamente coincide com a "moralidade cristã". Há aqui uma *subreptio* (subterfúgio lógico), sobre a qual se deve deixar cair a luz do conhecimento histórico, para que todos possam seguir o caminho

sub-reptício da serpente no jardim do Éden. No Iluminismo, a serpente rastejou para fora do caramanchão da árvore proibida, no final, ela come a palavra de Deus e se infla: Eu sou o "verdadeiro" cristão e proclamo: *Eirene kai Asphaleia*. Caro cidadão, não seja perturbado em seus negócios e em seu conforto! Fazer negócios é paz e fornicar é amor. Amém. E então o mundo se pergunta por que o julgamento de Deus passa sobre a terra em guerras, revoluções e colapsos de grandes impérios! Mas este mundo tardio não entende mais Deus, a cruz tornou-se uma serpente. Não deveria nos deixar desconfiados que a pregação pacifista vem precisamente da América, a terra onde negócios e prosperidade são adorados?

Terceiro. É um erro atribuir à frase "paz de Deus" o significado de uma condição terrena. Nunca a moralidade é um "estado" terreno, e muito menos o Reino dos Céus é qualquer estado terreno, seja um sistema econômico ou um sistema político. Se um "estado" fosse mais moral ou até mais "religiosamente valioso" do que o outro, Jesus em seu tempo teria necessariamente que ter se empenhado contra o "sistema" de escravidão, contra a pressão tributária dos pretores, etc. Mas em que consistiria a vantagem moral do estado terreno de paz em comparação com o estado terreno de guerra? Quem quer pesar a soma do heroísmo moral na paz contra o da guerra? O homem deve morrer na guerra, ele deve morrer na paz. Na guerra, o guerreiro sacrifica sua vida, compulsoriamente ou voluntariamente, pela existência livre de sua comunidade. Na paz, o lutador do ğ218 sacrifica a existência da vida em formação para as "necessidades sociais" da vida individual totalmente desenvolvida. Se a morte por estilhaços de granada e gás venenoso agrada a Deus menos do que a morte no útero sob a faca do médico honrado, não podemos decidir. Afinal, a reação de nossos nervos a um tipo de morte ou outro não é um julgamento moral. Faz parte da natureza do mundo e da autoafirmação da vida que em termos humanos haja um "excesso" de vida e que a continuidade da vida esteja ligada à morte. Não se deve confundir biologia e ética. Se a moralidade fosse derivada da condição terrena causada por ela, então a consequência seria inevitável que certas condições externas da sociedade também seriam mais "morais" do que outras: por exemplo, que o mundo camponês é mais moral do que o mundo metropolitano sedutor, porque este último é supostamente mais "tentador ao pecado", que a democracia, por exemplo, é mais "moral" ou, como um americano, de todas as pessoas, afirmou, mais "cristã" do que a monarquia, e finalmente peço que permaneçam sérios, porque, se pensarem, não escaparão dessa consequência que dormir é mais moral do que estar acordado. Pois quem dorme não peca. Agora, se a consequência dessa ética de estado é uma moralidade de dormir e derivada dela uma religião de dormir, deve haver um erro na premissa. O erro é que se dá à moralidade uma derivação terrena em vez de uma metafísica: Porque este ou aquele estado parece mais agradável ao eticista que apenas palestra, a obtenção do estado agradável é dita ser "moral". A ética de estado deve necessariamente errar.

Resumimos: Não há nem uma razão moral nem religiosa para o cristão condenar o nacionalismo com suas decisões de consciência vinculadas ao povo e ao tempo. O nacionalismo seria condenado apenas se estivesse satisfeito com sua moralidade e acreditasse que não precisa da graça de Deus e do sacrifício de Jesus Cristo para a salvação. Tão pouco quanto o apóstolo Paulo exigiu do judeu a abrogação de seu *nomos*, tão pouco se pode exigir do alemão, inglês, russo, chinês e quem quer que seja a abrogação da moralidade natural da vida do povo. O Evangelho não é uma abolição, mas um cumprimento. E Jesus realizou o cumprimento não em Roma como a sede do império, mas em Jerusalém como o lugar dos profetas.

5 O Socialismo é um Obstáculo ao Cristianismo?

Que o socialismo pode se tornar uma força contra o Cristianismo, sabemos pela história dos movimentos social-democrata e comunista. Mas a razão para isso não está no socialismo em si, não no fato de que ele busca um sistema econômico diferente do capitalista, mas em sua conexão com o materialismo histórico e com o processo de secularização da era liberal. Mas essa conexão é apenas histórica, não essencial.

O socialismo exclui o Cristianismo no momento em que hipostasia seu ideal social, ou seja, o coloca, por assim dizer, no lugar do Reino de Deus. A ordem econômica sempre permanece apenas uma ordem econômica. Uma ordem não tem as mesmas deficiências que a outra todas têm deficiências. Que as pessoas sejam tentadas a trocar deficiências testadas por outras não testadas é compreensível, e o cristão não tem razão para impedir as pessoas de experimentar as várias possibilidades de vida. Mas, no momento em que o espírito é declarado um produto ou uma reaparição da matéria, no momento em que a produção e distribuição de bens materiais é elevada a uma "doutrina de salvação" que, de alguma forma, também tem, por assim dizer, consequências mágicas em tornar os homens "melhores", o conflito entre o socialismo e o Cristianismo, e, portanto, a luta, é inevitável.

Agora, e quanto ao socialismo do movimento Nacional-Socialista? Esse socialismo consiste no seguinte: Primeiro, ele exige a dominação do estado sobre a economia, enquanto o marxismo quer uma abdicação do estado para a economia. O Nacional-Socialismo quer colocar a economia a serviço da nação política. O marxismo quer transformar o estado em uma maquinaria econômica, em uma organização de produção e distribuição de bens, e suprimir a nação em uma comunidade cultural histórica subordinada à cultura mundial. Os Nacional-Socialistas querem a primazia do estado, os marxistas a primazia da economia. (Nisso, os marxistas se encontram junto com o liberalismo econômico burguês, ao qual, segundo a ideia, deveriam ser inimigos mortais).

Segundo. O Nacional-Socialismo vê como seu objetivo não o maior conforto possível do indivíduo (pois "o bem comum vem antes do interesse próprio"), mas a maior acumulação possível de poder nacional. Ele quer um socialismo no interesse da nação, não no interesse do indivíduo. Ele quer um socialismo severo, duro, militarmente disciplinado, não um socialismo que promova o prazer, o gozo da vida, o banquete cultural do indivíduo, não um socialismo "humanístico".

Terceiro. O socialismo de origem marxista quer a socialização dos meios de produção. O Nacional-Socialismo quer "quebrar a servidão do juro" (que seria o ponto 11 do programa do partido). O que isso significa? A servidão do juro é, segundo Feder, a condição dos povos que estão "sob o domínio do dinheiro ou do juro das altas finanças". Portanto, não se volta contra a indústria, nem se visa contra a produção, mas, sim, contra os bancos e visa o próprio dinheiro. Os meios das "altas finanças", que são designadas como "totalmente judaicas", são o dispositivo do crédito. É por meio do crédito que o agricultor, o trabalhador, a classe média comercial e o industrialista são colocados em dependência. A dependência de uma nação de outras nações, de um homem de outros homens, estabelecida pela corrente do juro, deve ser "quebrada". Enquanto o ideal do socialismo liberal é a fábrica bem ordenada, o ideal do Nacional-Socialismo é a fazenda. Esse "Nacional-Socialismo" busca uma integridade na qual todos os homens se tornem funcionários, e, além disso, busca uma integridade que deixe espaço para a iniciativa livre.

Quarto. O Nacional-Socialismo rejeita fundamentalmente a filosofia materialista. Seu socia-

lismo brota apenas de considerações históricas, sociais, talvez também biológicas, mas não de considerações filosóficas. Assim, a salvação do mundo não é esperada do sistema econômico.

Nesse socialismo, portanto, não são erguidas forças contra o Cristianismo. Pode-se até dizer que os sentimentos dirigidos contra a "servidão do juro" coincidem com os sentimentos contra a tomada de juros cultivada pelos pais da igreja e, mais tarde, por Lutero. Estes últimos veem no juro a intenção do homem de "se segurar" contra a mão punitiva de Deus. Lutero se opõe ("Sobre a Vida Conjugal", 1522, p. 302) ao empenho do seguro de vida em geral: "Eles confiam em Deus enquanto sabem que não precisam dele e têm suprimento." O seguro de vida por juros é para ele uma espécie de roubo de Deus, uma falta de confiança em Deus. O que, por sua vez, não o impediu de advogar por medidas sociais, uma espécie de socialismo comunal em certas dificuldades.

Assim, o Cristianismo não tem que lidar com uma doutrina filosófica no caso do Nacional-Socialismo, como faz no caso do socialismo liberal, mas pode permitir livremente a discussão sobre a economia.

6 A Dignidade da Nação e a Dignidade da Igreja

A resistência emocional e intelectual ao Cristianismo no Nacional-Socialismo não é fundamental, mas subjetiva e individual. Uma resistência fundamental é oferecida apenas onde o vínculo nacional é absolutizado e elevado acima do vínculo religioso, onde a nação é estabelecida como o maior valor de todos.

Então, o Cristianismo deve decidir se quer ser apenas "uma religião" entre outras no "desenvolvimento da humanidade", que "continua a se formar", ou seja, apenas um fenômeno histórico, ou se reivindica ser a verdade eterna por excelência. Se é a verdade eterna, então só pode ser uma revelação de Deus, manifestada em Jesus Cristo. Então, é impossível postular outras "revelações" no curso da história. Porque toda revelação posterior teria que provar que a revelação anterior foi insuficiente. Mas o pensamento de que a encarnação de Deus e a morte humana não foram suficientes para justificar a criação caída seria blasfemo. A reivindicação de que a religião oferece um valor mais alto do que a própria nação só pode ser feita a partir de uma posição dogmática. Historizar e culturalizar o Cristianismo significa arrastar o Cristianismo para o choque de valores culturais.

A posição dogmática, claro, dá à igreja uma dignidade metafísica em relação ao estado e à nação. A partir dessa posição, teria-se que dizer contra uma exclusividade do valor nacional: Primeiro, elevar o estado a um valor absoluto significaria elevá-lo acima de toda a criação. O estado teria então que ser mais do que história, já que valores históricos, que não consistem em uma revelação, mas em eficácia, só podem ser relativos. Não há nada contra uma idealização do nacional, mas tudo contra uma hipóstase religiosa da nação. A idealização da nação é um processo necessário para o aumento da vida nacional. Mas exigir para a nação uma adoração religiosa, isso seria uma *hubris* para o cristão.

Segundo, a nação morre assim como a propriedade morre e os clãs morrem. A "glória" da nação, sem dúvida, permanece eterna, mas essa "eternidade" não é do tipo de infinidade temporal, não está na boca dos homens, mas está com Deus, que sozinho é verdadeiramente eterno. Todos os reinos do mundo são temporais, apenas o reino de Deus dura de eternidade a eternidade. Se amamos nossa nação, não amamos sua duração temporal, mas sua glória, sua "*Doxa*", e essa glória consiste no fato de que ela cumpre sua tarefa histórica, que ela representa, para

falar com autoridade, sua "ideia". Mas não é disso que estamos falando aqui. É uma verdade inquestionável que a nação, como uma criação de Deus, não pode estar acima de Deus como o Criador de todas as coisas.

O rei, como a mais alta representação de uma nação, tem sua dignidade, assim como o profeta e o pregador do evangelho, como o proclamador da palavra de Deus ao mundo, tem sua dignidade. A dignidade do rei é mundana, mas a do pregador de Deus é eterna. O primeiro tem a majestade do poder terreno, o último, a dos chamados da *Megalosyne en Hypselois* (a majestade no céu). (Hb 1,3) É assim que a igreja se posiciona em relação ao estado. Não com poder terreno, mas brilhando com a majestade do divino, que ela é chamada a oferecer. Quando Jesus está diante de Pilatos, Pilatos, como representante do imperador romano, está na posse de todo o poder, incluindo o poder sobre a morte e a vida de Jesus. Jesus não tem poder terreno. Ele, que poderia fazer todos os milagres, que poderia trazer os mortos à vida, que poderia acalmar a tempestade no mar, não foi capaz de matar Pilatos por um milagre. Pois ele só poderia fazer milagres com a vontade de Deus Pai. Mas aqui a vontade de Deus e, portanto, também do Filho, era que o Filho de Deus estivesse sujeito a Pilatos, que ele fosse condenado por ele e que não descesse da cruz, mas morresse e ressuscitasse. Mas esse rabino de Nazaré, tão impotente diante do representante de César Augusto, tinha poder e tem poder para abrir e fechar a eternidade. Assim, ele está diante de Pilatos invisível aos olhos humanos brilhado pela "glória de Deus", que só é admirada e acreditada pelos chamados.

Como Natã está diante de Davi, como Jesus está diante de Pilatos, assim a *ecclesia* de Deus está diante da *res publica* da nação. Ela não tem legião para compelir o estado e o povo de acordo com sua vontade; ela não tem nada além da proclamação do evangelho e da apresentação da graça de Deus. Mas nisso mesmo ela tem um poder que nenhum estado e nenhuma nação tem. O poder do Estado é que ele tem o poder de dispor da vida e da morte dos homens. O poder da Igreja é a fé no Deus eterno e a oferta do Reino dos Céus. Se há um reino dos céus, também deve haver o inferno. Portanto, a igreja tem poder apenas onde as pessoas suspeitam e temem os poderes infernais. Para uma nação que não treme mais diante do inferno, a igreja é impotente. Tal nação mata os mensageiros de Deus, mata o próprio Filho de Deus até que o Senhor mesmo venha e passe julgamento sobre os arrogantes. Que o Cristianismo humano do Iluminismo, que "finalmente" deixa "todas as pessoas" "irem para o céu", porque o castigo eterno seria muito pouco amoroso, que o Cristianismo democrático, que se assusta com a eleição dos crentes, como se um "privilégio" tivesse sido estabelecido com isso, se anula. Pois, se tudo finalmente vai para o céu indiscriminadamente, se não apenas alguns, mas todos são escolhidos para o reino de Deus, se o inferno não é uma realidade metafísica, mas apenas uma ideia de horror de cérebros escuros, então para que serve o nascimento de um Salvador e a redenção pela morte na cruz e a fé nisso? Então, fé e descrença se tornariam uma só coisa! O estado, então, não tem tarefa de considerar a igreja como algo além de uma associação cultural para o embelezamento de celebrações familiares e funerais para aquelas mentes que atribuem tanto valor a um humor particular que estão inclinadas a gastar honorários por isso. Mas a verdadeira igreja de Cristo é baseada no fato metafísico do céu e do inferno, da eleição e da redenção dos eleitos. Apenas tal Cristianismo, e, portanto, apenas tal igreja, por trás da qual a eternidade da danação e a bem-aventurança eterna são imaginadas com tremor e felicidade, pode reivindicar uma dignidade maior do que a da nação.

Mas a nação precisa desse Cristianismo e dessa igreja. Pois, se a nação fosse a última e a mais alta, ela poderia suportar a injustiça do mundo apenas com ódio e vingança, não com fé. Ela se tornaria arrogante na felicidade e envenenada na desgraça. Sua vitória não seria nada além de exploração, e sua derrota nada além de ser explorada. Mas, quando a nação tem Deus diante de

seus olhos, sua raiva torna-se agradável a Deus e sua espada justa, pois ela empunha essa espada com medo e tremor diante do Deus Todo-Poderoso, que colocou essa espada em sua mão!

Chegamos ao fim do livreto de Wilhelm Stapel, *Seis Capítulos sobre Cristianismo e Nacional-Socialismo*. Confio que você achou este trabalho perspicaz e envolvente. Peço gentilmente que ajude a divulgar sua mensagem para o bem da educação e do compartilhamento de conhecimento.